

Instanciações de gêneros em fábulas: um estudo na perspectiva sistêmico-funcional¹/ *Instantiations of genres in fables: a study in the systemic-functional perspective*

Mhdi Ibrahim Bader Khun*
Cristiane Fuzer**

RESUMO

Este trabalho objetiva revelar gêneros da família das histórias instanciados em fábulas presentes em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental. A partir da abordagem sistêmico-funcional de gênero (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012), são analisadas ocorrências do sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; FUZER; CABRAL, 2014) e do subsistema atitude do sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) para identificação da estrutura esquemática de gênero (etapas e fases) e do propósito sociocomunicativo dos textos selecionados. Os resultados evidenciaram a instanciação do gênero exemplum em maior frequência, seguido dos gêneros narrativa e relato.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional; Gêneros; Estórias; transitividade; avaliatividade

ABSTRACT

This work aims to reveal genres of the family of stories instantiated in fables present in textbooks of the final years of elementary school. From the systemic-functional approach to genre (MARTIN and ROSE, 2008; ROSE and MARTIN, 2012) the occurrences of the transitivity system (HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2004; FUZER and CABRAL, 2014) and the attitude subsystem of the appraisal are analyzed (MARTIN and WHITE, 2005) to identify the schematic structure of genre (stages and phases) and the sociocommunicative purpose of the selected texts. The results evidenced instantiation of the exemplum genre at higher frequency, followed by narrative and recount genres.

KEYWORDS: Systemic-Functional Linguistics; Genres; Stories; transitivity; appraisal

1 Introdução

Nos estudos literários, fábula – do étimo latino “fari” = “falar” e do grego “phaó” = “dizer, contar algo” (COELHO, 1984, p.115) – é uma estória² “de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade” (COELHO, 2000, p. 165). Por meio delas, as pessoas podem expressar desejos, temores, necessidades e pensamentos não aceitáveis e atribuí-los aos personagens, como se não fizesse parte de sua realidade. Por essa razão, a fábula tem sido usada no campo da Psicologia, como

¹ Este artigo é resultado de atividades de pesquisa e extensão vinculadas aos projetos GAP/CAL 037375 *Leitura e escrita em língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional* (FUZER, 2014) e GAP/CAL 040190 *Ateliê de Textos* (FUZER, 2016) coordenados pela segunda autora, com apoio PROEXT MEC-Sesu, e de pesquisa realizada para trabalho de conclusão do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) pelo primeiro autor com orientação da segunda autora.

* Graduado em Letras – Português e Literaturas pela UAB/UFSM. mhdy_bader@hotmail.com

** Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria, Doutora em Letras e Pós-Doutora em Estudos da Linguagem. crisfuzerufsm@gmail.com.

² Estória é uma família de gêneros cujo propósito principal é envolver ou entreter o ouvinte ou o leitor (MARTIN; ROSE, 2008). As estórias podem ser fictícias e geralmente apresentam uma mensagem moralizante, como se verifica em fábulas.

o teste das Fábulas de Düss, uma técnica projetiva que propicia uma investigação profunda de conflitos e “revela-se extremamente rica para o conhecimento e entendimento do funcionamento mental dos sujeitos, mostrando-se eficaz na investigação clínica de crianças vítimas de violência doméstica” (TARDIVO; PINTO JR; SANTOS, 2005, p. 61).

No campo da linguagem, em sua rota pedagógica, fábulas são amplamente utilizadas em sala de aula em atividades que envolvem o ensino da leitura, análise linguística e produção textual em língua vernácula, conforme recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Na rota científica, estudos sobre essas estórias têm sido desenvolvidos, como, por exemplo, os trabalhos de Platão e Fiorin (2006) e Fiorin (2003), para quem a estrutura esquemática da fábula pode ser dividida em texto narrativo – em que se apresentam as experiências vivenciadas pelas personagens – e avaliação – em que uma moral é acrescentada à estória, o que, de acordo com Souza (2003), não existia nas fábulas primordiais, que são de tradição oral.

Na perspectiva de gênero da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), fábulas são estórias por compartilharem o propósito geral de envolver ou entreter ouvintes e leitores. Por outro lado, cada estória pode ser contada com um propósito sociocomunicativo específico, o que resulta em variações na estrutura esquemática e realização linguística dos textos que, por sua vez, podem instanciar gêneros diferentes (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012). Em outras palavras, nessa perspectiva, podemos questionar se as fábulas apresentam ou não estabilidade em sua estrutura e em seu propósito sociocomunicativo em decorrência das realizações linguísticas que as constituem.

Somando-se aos estudos anteriormente realizados acerca das fábulas na perspectiva sistêmico-funcional – como Farencena e Fuzer (2012) que descreve o Potencial de Estrutura Genológica de fábulas, consoante a configuração contextual proposta por Hasan (1989) a partir das variáveis do contexto de situação de Halliday (1989) –, para responder a questão proposta, são analisadas, neste trabalho, fábulas selecionadas de livros didáticos de língua portuguesa voltados para os anos finais do ensino fundamental. Para tal, adota-se, aqui, o conceito de gênero como um “processo social organizado por etapas e orientado para propósitos sociais”³ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 08). É considerado um processo social pelo fato de o falante/escritor direciona o texto para determinado grupo de leitores a fim de compartilhar determinado propósito sociocomunicativo; a organização em etapas é necessária para que esse propósito seja alcançado.

³ Tradução nossa de “genre as a staged goal-oriented social process” (MARTIN e ROSE, 2008, p. 08).

Para análise das escolhas linguísticas que instanciam o gênero, são utilizados pressupostos teóricos acerca das funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; FUZER; CABRAL, 2014) e funções semântico-discursivas do subsistema atitude do sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), que possibilitam evidenciar a estrutura esquemática do gênero (EEG), constituída de etapas e fases, bem como seu propósito sociocomunicativo específico.

2 Gêneros da família das estórias na perspectiva sistêmico-funcional

Na Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), a língua é definida como um sistema sociosemiótico, um “conjunto completo de recursos para a construção de significados” (VIEIRA; PRAXEDES FILHO, 2015, p. 73). De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o funcionamento desse sistema pode ser compreendido por meio da análise textual, uma vez que ele toma forma e ganha significação quando instanciado em texto. No estudo desse sistema linguístico, determinados padrões linguísticos e estruturais podem ser descritos e sistematizados.

Com relação às estórias, a partir dos estudos de Labov e Waletzky (1967), que resultaram na descrição do gênero narrativa, Plum (1988) identificou outros quatro gêneros que apresentam um padrão semelhante: uma sequência de eventos, mas que varia em como essas sequências são interrompidas e em como essas interrupções são respondidas. Somando tais gêneros à narrativa, conforme Quadro 1, Martin e Rose (2008) os agruparam em uma família de gêneros, denominada “família das estórias”.

Quadro 1 – Gêneros da família das estórias e suas etapas fundamentais

Gênero	Experiência	Resposta	Experiência
Relato	Registro	-	-
Episódio	Evento Marcante	Reação	-
Exemplum	Incidente	Interpretação	-
Observação	Evento Descrito	Comentário	-
Narrativa	Complicação	Avaliação	Resolução

Fonte: Traduzido e adaptado de Martin e Rose (2008, p. 52).

No Quadro 1, são apresentadas as etapas de experiência (sequência de eventos) e de resposta (avaliação) – “cada uma das quais pode abrir com uma etapa de Orientação e fechar

com uma Coda”⁴ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 52), que são as etapas opcionais (ROSE; MARTIN, 2012).

O relato, segundo Martin e Rose (2008), tem o propósito sociocomunicativo específico de compartilhar uma sequência de eventos. A etapa de experiência não apresenta uma interrupção significativa na habitualidade das personagens e, por isso, esse gênero não realiza uma etapa de resposta.

O episódio e o *exemplum* são gêneros em que a etapa de experiência apresenta uma interrupção na habitualidade das personagens e essas interrupções são respondidas de maneiras diferentes. Episódios realizam, em sua etapa de resposta, elementos semântico-discursivos⁵ de afeto, enquanto *exempla* realizam elementos semântico-discursivos de julgamento (MARTIN; ROSE, 2008). Tais marcas linguísticas de avaliação nas etapas de resposta evidenciam o propósito sociocomunicativo específico de cada um: compartilhar uma reação emocional em episódios e compartilhar um julgamento de ações ou comportamentos em *exempla* (JORDENS, 2002).

Observações realizam, nas etapas de experiência, a descrição de um evento significativo, seguido de um comentário pessoal na etapa de resposta que aprecia algum aspecto da etapa anterior (JORDENS, 2002). Nesse gênero, os elementos semântico-discursivos de apreciação que se realizam na etapa de resposta evidenciam seu propósito sociocomunicativo específico, que é compartilhar a apreciação de objetos, pessoas ou eventos. A etapa de resposta pode ser realizada por elementos semântico-discursivos de afeto e de julgamento, indicando que, nesse gênero, o ponto principal é apreciar o efeito dos eventos relatados na etapa de experiência através de uma resposta pessoal (JORDENS, 2002).

Como no episódio e no *exemplum*, o gênero narrativa também apresenta uma interrupção na habitualidade das personagens. Essa interrupção, no entanto, é resolvida em uma nova etapa de experiência que retoma a habitualidade das personagens, fazendo com que a história retome o seu equilíbrio. A etapa de resposta, embora seja importante e amplamente utilizada, pode não se realizar em uma narrativa (ROSE; MARTIN, 2012); quando realizada, pode avaliar complicações, como descreveram Labov e Waletzky (1967), ou avaliar resoluções, como mostra, por exemplo, o estudo de Fuzer, Gerhardt e Weber (2016) acerca da instanciação do gênero narrativa no conto *O Pequeno Polegar*, de Charles Perrault. Os

⁴ Tradução nossa de “each of which may also open with an Orientation stage, and close with a Coda” (MARTIN e ROSE, 2008, p. 52).

⁵ A semântica do discurso é um dos estratos do sistema linguístico, realizado no estrato da léxico-gramática, que, por sua vez, realiza-se no estrato da fonética ou grafologia (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

elementos semântico-discursivos que se realizam nessa etapa podem ser de afeto, apreciação ou julgamento (MARTIN; ROSE, 2008).

Em todos os gêneros da família das histórias, as etapas são constituídas de fases, que são componentes mais variáveis do que as etapas e podem ser exclusivas de um texto em particular. Essas fases, que são recursos que as histórias compartilham para envolver o leitor, podem ser compostas por uma ou mais mensagens, enquanto uma ou mais fases podem constituir uma etapa (MARTIN; ROSE, 2008). No Quadro 2, observam-se as fases que podem se realizar numa etapa e a funcionalidade de cada uma.

Quadro 2 – Fases que podem constituir etapas das histórias

Fases	Funções
Cenário	Apresentação do contexto (identidade, atividades, lugares)
Descrição	Evocação do contexto (imagens sensoriais)
Eventos	Sucessão de eventos
Efeito	Resultado material
Reação	Resultado comportamental/atitudinal
Problema	Criação de tensão inesperada
Solução	Liberação da tensão inesperada
Comentário	Introdução de comentários do narrador
Reflexão	Introdução de pensamentos dos participantes

Fonte: Traduzido de Martin e Rose (2008, p. 82).

As fases cenário e descrição apresentam, de acordo com Martin e Rose (2008), a identidade das personagens, suas atividades e os locais onde a história está ocorrendo; a fase eventos apresenta uma sucessão de acontecimentos e a fase efeito apresenta uma consequência ou um resultado das fases anteriores. Já a fase reação apresenta comportamentos e atitudes das personagens também em relação a fases precedentes; o problema é a fase que marca uma tensão na história, enquanto a solução é a fase em que esse problema é superado, criando uma expectativa positiva em relação ao seu desfecho. A fase comentário apresenta avaliações pelo narrador, enquanto a fase reflexão apresenta pensamentos das personagens.

As fases cenário, descrição, efeito, problema e solução são realizadas nos textos por meio de funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade, cuja unidade de análise é a oração, que se configura em processos, participantes e, eventualmente, circunstâncias. Cada

tipo de processo envolve tipos diferentes de participantes: Ator, Meta, Escopo, Beneficiário e Atributo em orações materiais; Experienciador e Fenômeno em orações mentais; Dizente, Verbiagem, Receptor e Alvo em orações verbais; Portador e Atributo ou Identificado e Identificador em orações relacionais; Existente em orações existenciais, e Comportante e Comportamento em orações comportamentais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A Figura 1 mostra a relação entre os participantes e os tipos de processo.

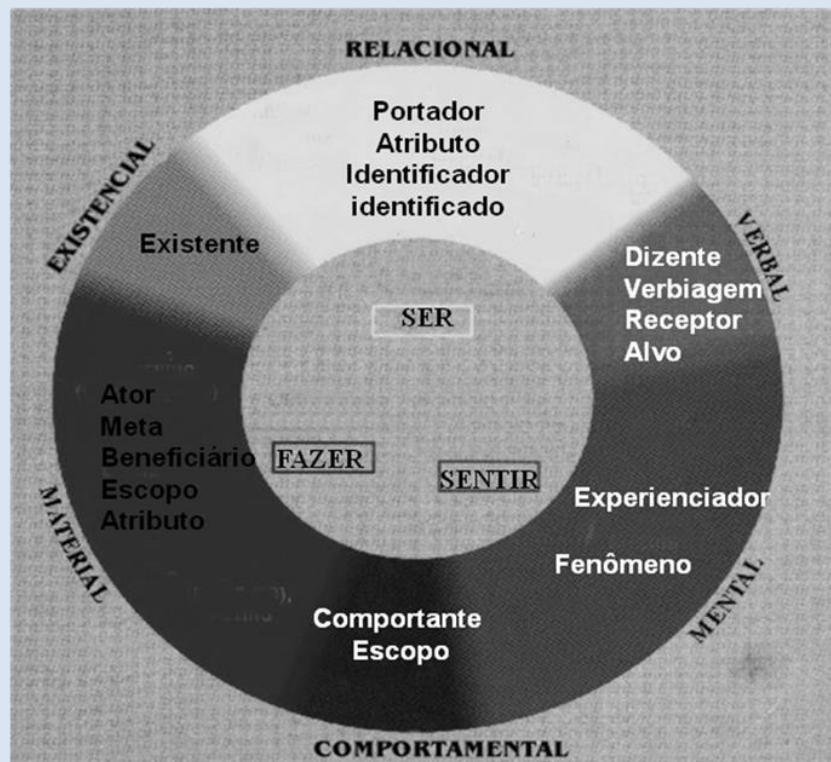


Figura 1 – Tipos de processos e participantes nas orações (adaptado por Fuzer e Cabral, 2010, a partir de Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004).

Junto aos processos e aos participantes, circunstâncias podem indicar extensão (distância, duração e frequência), localização (lugar e tempo), modo (meio, qualidade, comparação e grau), causa (razão, propósito e interesse), contingência (condição, falta, concessão), acompanhamento (comitativo e aditivo), papel (estilo, produto), assunto e ângulo (recurso e ponto de vista) (FUZER; CABRAL, 2014 com base em HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

As fases de avaliação realizam-se, essencialmente, por meio de significados interpessoais da linguagem, dentre os quais estão funções léxico-gramaticais de modalização (possibilidade e frequência) e modulação (obrigação e inclinação) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Dentre as funções semântico-discursivos, destacam-se aqui os

campos semânticos de afeto, apreciação e julgamento, que constituem o subsistema atitude do sistema de avaliatividade proposto por White (2004) e Martin e White (2005). Essas funções semântico-discursivas, esquematizadas na Figura 2, contribuem para evidenciar as fases comentário, reflexão e reação e, nas etapas de resposta, o propósito sociocomunicativo de cada um dos gêneros da família das estórias (MARTIN e ROSE, 2008).

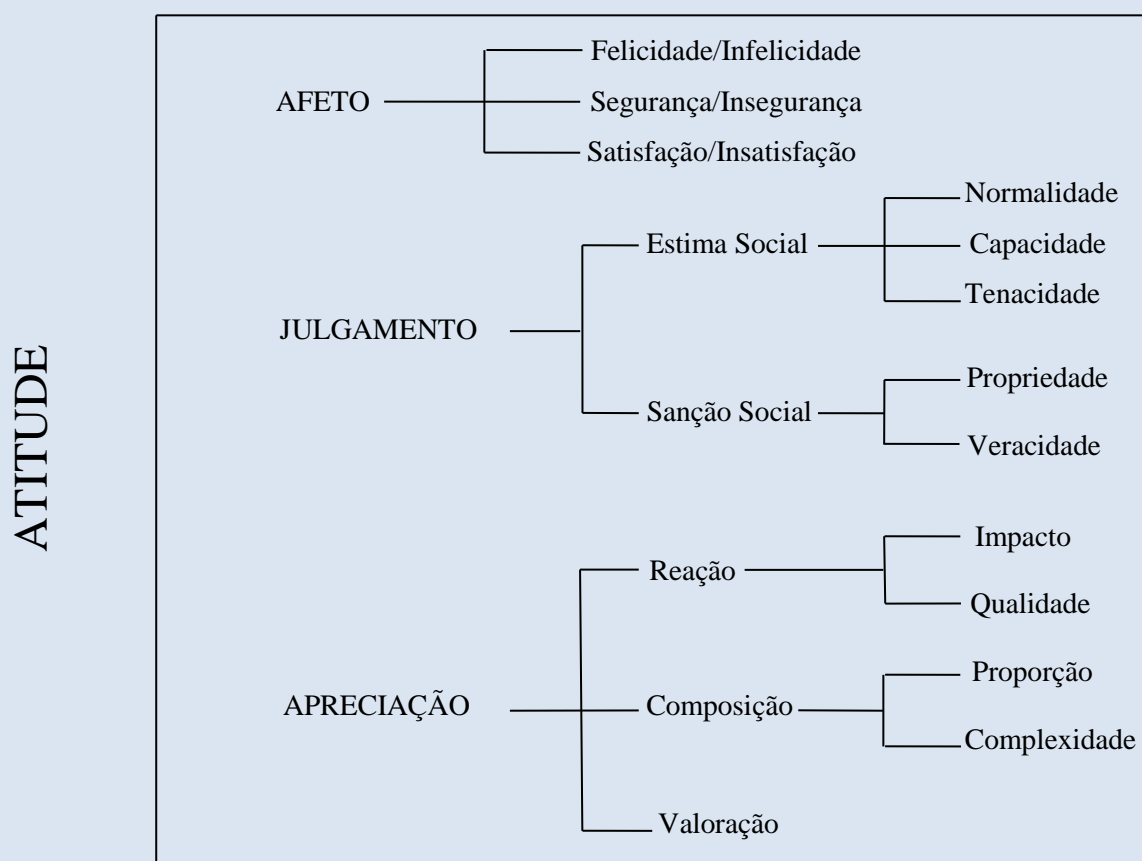


Figura 2 – Campos semânticos do subsistema atitude (com base em Martin e White, 2005).

De acordo com Martin e White (2005), o afeto é o campo semântico da emoção, que indica os sentimentos do falante ou escritor em relação às pessoas, aos objetos, aos acontecimentos e pode se apresentar em três conjuntos de significados avaliativos: felicidade/infelicidade (relacionados a emoções do coração), segurança/insegurança (relacionados ao bem-estar social) e satisfação/insatisfação (relacionados a objetivos alcançados).

O julgamento é o campo semântico que indica como o falante ou escritor avalia comportamentos humanos, podendo ser de estima social (que envolve admiração ou crítica e pode ser categorizada como normalidade, capacidade e tenacidade) ou de sanção social (que implica em elogio ou condenação e pode ser categorizada em propriedade e veracidade)

(MARTIN; WHITE, 2005). Já a apreciação é o campo semântico que diz respeito a como o falante ou escritor avalia a estética das pessoas, objetos, instituições, fenômenos e situações e pode indicar três tipos de significados: reação (corresponde às reações de impacto e qualidade que as coisas podem provocar nas pessoas), composição (refere-se às percepções de proporção e complexidade) e valoração (refere-se à avaliação da significação social) (MARTIN; WHITE, 2005).

3 Metodologia

Em função do projeto ao qual este estudo está vinculado⁶, a seleção dos textos para constituição do *corpus* de análise seguiu dois critérios básicos:

- a) histórias referidas como “fábulas” em livros didáticos de língua portuguesa disponibilizados para os anos finais do ensino fundamental em escolas da rede pública da cidade onde a pesquisa foi realizada (Quaraí-RS);
- b) histórias utilizadas em atividades articuladas entre o ensino da leitura, análise linguística e produção textual em língua portuguesa, conforme recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Com base no primeiro critério, foram coletados textos presentes em livros didáticos disponíveis em salas de aula e bancos do livro das escolas da rede pública (municipais e estaduais) da cidade de Quaraí-RS. Conforme o Quadro 3, cada livro recebeu um código de identificação para referência a cada texto selecionado.

Quadro 3 – Livros didáticos disponíveis para coleta nas escolas

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	TÍTULO DA COLEÇÃO	EDITORA	ANO DE PUBLICAÇÃO
LD1	Língua Portuguesa: 6º ano	Positivo	2013
LD2	Tecendo linguagens, 6º ano, 3ª ed.	IBEP	2012
LD3	Vontade de saber português, 6º ano	FTD	2012
LD4	Português ideias e linguagens, 8º ano	Saraiva	2009
LD5	Português ideias e linguagens, 6º ano	Saraiva	2009

⁶ O objetivo do projeto guarda-chuva (GAP/CAL/UFSM 037375) “Leitura e escrita em língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional” (FUZER, 2014) é investigar as características léxico-gramaticais e semântico-discursivas de gêneros utilizados no contexto escolar.

Tendo em vista o segundo critério, foram selecionadas oito fábulas (Quadro 4), cada uma das quais recebeu também um código de identificação (F de fábula, seguido de um número sequencial, acrescido do código de identificação do livro didático de origem).

Quadro 4 – Fábulas selecionadas a partir dos livros didáticos coletados.

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO E REFERÊNCIA NO LD
F1LD1	A lebre e a tartaruga LA FONTAINE, Jean de. <i>Fábulas de Esopo</i> . Adaptação de Lúcia Tulchinski. São Paulo: Scipione, 1998. p.32.
F2LD1	O lobo e o leão. ESOPO. Disponível em: http://sitededicas.uol.com.br/fabula_leao_e_o_lobo
F3LD2	A cigarra e as formigas Russel Ash e Bernard Higon. <i>Fábulas de Esopo</i> . 7. Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.
F4LD2	A baleia e o tubarão Raquel Gazolla. <i>Fábulas nuas e cruas</i> . São Paulo: Parábola, 2005.
F5LD2	A descoberta Millôr Fernandes. <i>Fábulas fabulosas</i> . 14. Ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1997.
F6LD3	A assembleia dos ratos Ivana Arruda Leite. <i>Fábulas de Esopo</i> . São Paulo: Escala Educacional, 2004. p. 22.
F7LD4	O gato e a barata Millôr Fernandes. <i>Fábulas fabulosas</i> . 8. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1963. p. 15-16.
F8LD5	O socorro Millôr Fernandes. <i>Fábulas fabulosas</i> . 5. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1976. p.13.

Dentre os textos selecionados, há fábulas de Esopo (considerado o pai da fábula, conforme Souza, 2003) mundialmente conhecidas, como, por exemplo, *A lebre e a tartaruga*, recontada por Jean de La Fontaine (conhecido como pai da fábula moderna, segundo Coelho, 1982) e adaptada por Lúcia Tulchinski. Também há de se destacar a presença de histórias que não apresentam personagens animais, mas que são consideradas como fábulas pelos livros didáticos dos quais foram selecionadas.

Organizado o *corpus*, analisaram-se as etapas e fases que compõem a estrutura esquemática de gênero (EEG) a partir de marcas linguísticas que as evidenciam em cada texto e, por conseguinte, o propósito sociocomunicativo. Inicialmente, foram analisadas funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; FUZER; CABRAL, 2014) e, em seguida, funções semântico-discursivas do subsistema

atitude do sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Para melhor identificação dessas marcas linguísticas, na próxima seção, elementos analisados com base nas funções do sistema de transitividade são destacados em **negrito**, enquanto elementos semântico-discursivos são destacados em *itálico*. A EEG é apresentada como uma sequência de etapas, em que o símbolo ^ significa “seguida de”.

4 Análise e discussão dos resultados

As análises léxico-gramaticais e semântico-discursivas do *corpus* desta pesquisa evidenciaram instâncias do gênero *exemplum* com maior frequência, seguido da instância dos gêneros narrativa e relato, como mostra o Quadro 5.

Quadro 5 – Frequência de gêneros instanciados no *corpus* de análise

GÊNEROS	TEXTOS	FREQUÊNCIA NO CORPUS
<i>Exemplum</i>	<i>A lebre e a tartaruga</i> (F1LD1)	06
	<i>O lobo e o leão</i> (F2LD1)	
	<i>A cigarra e as formigas</i> (F3LD2)	
	<i>A baleia e o tubarão</i> (F4LD2)	
	<i>A assembleia dos ratos</i> (F6LD3)	
	<i>O socorro</i> (F8LD5)	
Narrativa	<i>O gato e a barata</i> (F7LD4)	01
Relato	<i>A descoberta</i> (F5LD2)	01

A seguir, apresentam-se a estrutura esquemática de gênero (EEG) em etapas e fases e o propósito sociocomunicativo de cada um desses gêneros, com base na análise de ocorrências do sistema de transitividade e do sistema de avaliatividade nos textos.

4.1 Instâncias do gênero *exemplum*

Nas seis fábulas em que se instancia o gênero *exemplum*, a EEG se configura de Orientação ^ Incidente ^ Interpretação, conforme Martin e Rose (2008), tendo em vista relações dialéticas entre as etapas e as fases que as constituem.

4.1.1 Etapa Orientação

A etapa Orientação ocorre nos seis textos que instanciam o gênero *exemplum*. Em todos eles, a fase cenário se faz presente trazendo representações de atividades, identidades e/ou circunstâncias imprecisas de localização no tempo ou no espaço, como exemplificam os excertos a seguir.

1) **A lebre vivia a se gabar de que era a mais veloz de todos os animais.** (F1LD1)

2) **Certo dia de outono, a baleia brincava no mar.** (F4LD2)

3) **Ele foi cavando, foi cavando, cavando, pois, sua profissão – coveiro – era cavar.** (F8LD5)

No excerto 1, “a lebre” desempenha a função de Dizente da oração verbal, cujo processo “se gabar”, associado à modalidade “vivia” (indicando frequência), representa uma atividade rotineira dessa personagem. A oração relacional atributiva “era a mais veloz de todos os animais” (projetada na oração verbal como Relato⁷) representa a identidade construída no discurso da lebre.

No excerto 2, as circunstâncias “certo dia de outono” e “no mar” indicam, respectivamente, localização imprecisa do tempo e do espaço em que se desdobra a atividade, representada pelo processo comportamental “brincava”, do qual “a baleia” é Comportante. Dessa forma é representada a atividade em que a personagem está envolvida antes de sua interrupção a constituir a etapa posterior.

No excerto 3, o processo material “cavando”, em repetição, evidencia a atividade de rotina do Ator (“Ele”), identificado como “coveiro”, um dos personagens dessa estória.

4.1.2 Etapa Incidente

A etapa Incidente é marcada pela interrupção da habitualidade das atividades das personagens apresentadas na etapa Orientação. Essa interrupção acontece por meio de fases diferentes: eventos na F1LD1 e F6LD3 e problema na F2LD1, F3LD2, F4LD2 e F8LD5. Para facilitar o acompanhamento da progressão das estórias cujos excertos foram apresentados como exemplos da etapa Orientação na subseção anterior, o excerto 4, a seguir, refere-se à

⁷ De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 255), em orações verbais, a Verbiagem pode ser realizada por outras orações, em forma de Citação ou Relato.

interrupção no excerto 1 analisado anteriormente, enquanto os excertos 5 e 6 referem-se às interrupções na sequência dos excertos 2 e 3, respectivamente.

4) **Até o dia em que [a lebre]⁸ encontrou a tartaruga.**
– Eu tenho certeza de que, se apostarmos uma corrida, serei a vencedora – **desafiou a tartaruga.** (F1LD1)

No excerto 4, o grupo preposicional “Até o dia” sinaliza a transição da etapa Orientação para a etapa Incidente, que se constitui de uma sucessão de eventos representados pelos processos material (“encontrou”) e verbal (“desafiou”), sinalizando a interrupção do discurso habitual da lebre (“gabar-se de que era a mais veloz dos animais”). A função de Dizente passa a ser desempenhado, assim, pela “tartaruga”, que traz em seu discurso a representação de “vencedora” por meio da oração relacional atributiva “serei a vencedora”.

No excerto 5, em continuidade ao excerto 2, a interrupção da atividade da baleia (“brincava no mar”) ocorre com a aproximação do “tubarão”:

5) **O tubarão aproximou-se e, com cuidado, rodeou a baleia para mordê-la de modo fatal.** (F4LD2)

Nesse excerto, os processos materiais de que o tubarão é Ator (“aproximou-se”, “rodeou” e “mordê-la”) indicam um problema para “a baleia”, representada como Meta nas orações. A terceira oração, introduzida pela preposição “para”, indica a finalidade das ações anteriores do tubarão, cuja intenção de matar a baleia é sinalizada pela circunstância “de modo fatal”.

No excerto 6, em continuidade ao excerto 3, a passagem da etapa Orientação para Incidente é sinalizada pela conjunção “Mas” seguida da circunstância “de repente”:

6) **Mas, de repente,** na distração do ofício que amava, [o coveiro] **percebeu que cavara demais.** (F8LD5)

Nesse excerto, a oração mental perceptiva “percebeu que cavara demais”, da qual o coveiro é Experienciador, evidencia o problema em que o personagem acabou se envolvendo, como mostra a oração Macrofenomenal⁹ “cavara demais”.

Após essas interrupções, marcadas predominantemente pela fase problema, uma gama de fases se desdobram nessa etapa para mover a sequência de ações: eventos, reação, comentário, reflexão e efeito. A fase que evidencia uma sequência de eventos se realizou em

⁸ Os colchetes simbolizam o uso de elipse do elemento linguístico expresso na oração anterior.

⁹ De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 203), o Fenômeno pode ser representado por orações projetadas representativas de um ato, denominadas Macrofenomenais.

maior número, 13 vezes, enquanto a fase que realiza processos comportamentais e marcas de atitude teve a segunda maior frequência, oito vezes. Já as fases comentário, reflexão e efeito se realizaram apenas uma vez na etapa Incidente: a primeira na F3LD2, e a segunda e terceira na F1LD1.

Nas instanciações de *exemplum* no *corpus* desta pesquisa, a fase eventos se constitui, predominantemente, de processos materiais (36 ocorrências), seguidos de processos verbais (7 ocorrências), comportamentais (6 ocorrências) e mentais (5 ocorrências), conforme mostra os exemplos a seguir.

7) No dia seguinte, a raposa **foi escolhida** para ser a juíza da prova. Bastou **dar** o sinal da largada para a lebre **disparar** na frente a toda velocidade. A tartaruga **não se abalou** e **continuou** na disputa. A lebre estava tão certa da vitória que **resolveu tirar uma soneca**. (F1LD1)

8) Sinuoso, **preparou-se** para o bote. **Chegando** a uma distância razoável do ouvido da baleia, **gritou** com voz fina e doce, bem inadequada para um tubarão: (F4LD2)

9) A noite **chegou**, **subiu**, **fez-se** o silêncio das horas tardas. **Bateu** o frio da madrugada e, na noite escura, **não se ouvia** mais um som humano, embora o cemitério estivesse cheio dos pipilos e coaxares naturais dos matos. Só pouco depois da meia-noite é que lá **vieram** uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro **gritou**. Os passos **se aproximaram**. Uma cabeça ébria **apareceu** lá em cima, **perguntou** o que havia: – “O que é que há?” (F8LD5)

Com a segunda maior ocorrência na etapa Incidente, 8 vezes, as reações nos *exempla* evidenciaram atitudes negativas, como nos excertos 10 e 11. No excerto 12, é apresentada a única reação de atitude positiva.

10) **A baleia olhou** *desconfiada*, pois o tubarão e a baleia não têm boa vizinhança, nem as mesmas brincadeiras. Mas, como tinha *boa índole*, **não respondeu e não reagiu**. (F4LD2)

No excerto 10, a fase reação é demarcada por processos comportamentais destacados em negrito, dos quais “a baleia” é Comportante, e por marcas de avaliatividade em itálico que sinalizam emoção negativa do tipo insegurança (“desconfiada”) e julgamento positivo de sanção social do tipo propriedade (“boa índole”) em relação à baleia.

11) **O Lobo**, *contrariado*, mas sempre *mantendo uma distância segura* do seu oponente, **disse em tom injuriado**, com uma certa dose de ironia: “Você *não tem o direito* de tomar para si aquilo que *por direito me pertence*...”. (F2LD1)

No excerto 11, a reação é demarcada pela oração verbal na qual “o Lobo” é Dizente em relação ao leão (que lhe tomou uma ovelha que ele mesmo roubara um pouco antes) e por recursos que avaliam as emoções e o comportamento das personagens. Em itálico, marcas linguísticas de afeto negativas indicam insatisfação (“contrariado) e insegurança (“mantendo uma distância segura”) do lobo em relação ao leão. Também estão destacadas avaliações de julgamento do Lobo em relação a dois comportamentos avaliados como julgamento de sanção social do tipo propriedade: o comportamento avaliado como antiético do leão que lhe tomou a ovelha (“você não tem o direito de tomar para si”) e o comportamento avaliado como ético do lobo que havia roubado a mesma ovelha anteriormente (“aquilo que por direito me pertence”).

12) A proposta foi *aplaudivíssima* por todos os presentes. (F6LD3)

No excerto 12, a reação é demarcada pela avaliação positiva da proposta apresentada aos demais ratos na assembleia. O item lexical “aplaudivíssima”, integra o processo comportamental e indica avaliação implícita de apreciação do tipo reação subtipo qualidade.

Nos próximos excertos, são apresentadas as demais fases que se realizaram na etapa Incidente: comentário, reflexão e efeito.

13) As formigas pararam de trabalhar, coisa que *era contra os princípios delas* [...]. (F3LD2)

No excerto 13, a avaliação negativa de julgamento de estima social da categoria normalidade, realizada pela oração relacional atributiva “era contra os princípios delas”, sinaliza a fase comentário, com a qual é marcada uma interrupção no fluxo das ações e avaliado como incomum o comportamento das formigas.

14) "Se aquela *molenga* passar na minha frente, é só correr um pouco que eu a ultrapasso" – **pensou**. (F1LD1)

No excerto 14, o processo mental “pensou” evidencia a realização da fase reflexão e “molenga” evidencia uma avaliação negativa de apreciação do tipo composição/proporção da lebre em relação à tartaruga.

15) Desse dia em diante, **a lebre tornou-se o alvo das chacotas da floresta**. (F1LD1)

Já no excerto 15, há a realização da fase efeito, mostrada na oração relacional destacada em negrito, que evidencia uma consequência, para a lebre, das fases anteriores.

4.1.3. Etapa Interpretação

Na etapa Interpretação, em que se explicita o propósito sociocomunicativo do texto, são encontrados julgamentos de estima social da categoria normalidade (em F3LD2, F4LD2 e F8LD5) e da categoria tenacidade (em F1LD1 e F6LD3). Julgamento de sanção social, da categoria propriedade, é encontrada apenas em um texto do *corpus* (em F2LD1). Os excertos 16, 17 e 18 exemplificam o uso de julgamentos negativos de estima social da categoria normalidade.

16) MORAL: *Os preguiçosos* colhem o que merecem. (F3LD2)

No excerto 16, por meio da fase comentário, o narrador avalia o comportamento da cigarra durante o inverno, que passou “cantando e dançando” enquanto as formigas trabalhavam arduamente para não sofrer no período de escassez de alimentos. Por conta disso, a cigarra foi incluída entre os preguiçosos que sofrem as consequências de suas escolhas.

17) A baleia [...] **pensou** que os seres muito *furiosos* são sempre pouco *atentos*. (F4LD2)

No excerto 17, a fase reflexão é introduzida pelo processo mental “pensou” e o epíteto “furiosos” realiza a avaliação negativa em relação a “seres”, entre os quais está incluído o tubarão, já que, em passagem anterior do texto, ele “a mordeu com muita força”. Na sequência, o Atributo “atentos” avalia o comportamento dos “seres muito furiosos” e, por conseguinte, do tubarão, que “choroso e sangrando, fugiu com dores atroz” em função de não ter percebido que “uma crosta de conchas e corais se grudara na pele da baleia”.

18) MORAL: Nos momentos graves *é preciso verificar* muito bem para quem se apela. (F8LD5)

No excerto 18, por meio da fase comentário, o avaliador atenta que se deve tomar muito cuidado ao pedir a ajuda a alguém, julgando como negativo o comportamento do coveiro, que pediu a ajuda de um bêbado sem sabê-lo.

Os excertos 19 e 20, a seguir, exemplificam julgamentos de estima social da categoria tenacidade, presentes na fase comentário da etapa Interpretação em F1LD1 e F6LD3.

19) MORAL: Quem segue devagar e com constância *sempre chega na frente*. (F1LD1)

No excerto 19, a oração material “sempre chega da frente” funciona como um julgamento positivo em relação ao participante “Quem chega devagar e com constância”, representado pela tartaruga na estória. Dessa forma, infere-se uma referência à paciência como uma atitude positiva que culmina em vitória.

20) MORAL: Falar *é fácil*, fazer *é que são elas*. (F6LD3)

No excerto 20, o comportamento “Falar” é avaliado como uma atitude negativa por meio do Atributo “fácil” em contraste com a oração relacional atributiva “é que são elas”, que, por sua vez, remete à ideia de dificuldade. Essa interpretação é decorrente da atitude dos ratos na estória, os quais falaram muito, mas não foram capazes de fazer algo efetivo para se livrar do gato. Dessa forma, infere-se a atitude de covardia.

21) MORAL DA HISTÓRIA: *Aquilo que se consegue pelo mau, pelo mau se perde...* (F2LD1)

Esse excerto, presente na estória que tematiza o roubo (“aquilo que se consegue pelo mau”), evidencia a avaliação de julgamento negativo de sanção social da categoria propriedade, evidenciado pela oração relacional possessiva “pelo mau se perde”. Os eventos que se realizam na etapa de experiência mostram um lobo reagindo negativamente quando um leão lhe tomou uma ovelha, como se observou no excerto 11. Ao final da estória, na “moral”, o narrador avalia o comportamento do lobo em relação ao roubo como negativo, diferentemente de como o próprio lobo havia avaliado.

4.2 Instanciação do gênero narrativa

A EEG narrativa na F7LD4 se configura de Orientação ^ Complicação ^ Resolução ^ Avaliação, como mostrado a seguir.

4.2.1 Etapa Orientação

A etapa Orientação na F7LD4 foi identificada por meio da fase cenário, conforme mostra a análise léxico-gramatical no excerto 22.

22) **A baratinha velha subiu pelo pé do copo quase cheio de vinho**, que tinha sido largado a **um canto da cozinha, desceu pela parte de dentro e começou a lambiscar o vinho.** (F7LD4)

No excerto 22, os processos materiais “subiu”, “desceu” e “lambiscar”, nesse excerto que inicia a estória, evidenciam a fase cenário e não a fase eventos, como poderia parecer. O Ator desses processos, “a baratinha velha”, tem sua identidade revelada logo no início da estória. Além disso, o “copo”, como Escopo, ajuda a situar a ação da personagem num primeiro momento. Em seguida, a circunstância de localização lugar “um canto da cozinha” evidencia o lugar mais amplo onde as atividades estão ocorrendo, evidenciadas pelas orações materiais “desceu pela parte de dentro” e “começou a lambiscar o vinho”.

Diferentemente dos textos que instanciaram o gênero *exemplum*, a interrupção na habitualidade das personagens acontece ainda na etapa de Orientação, como observado no excerto 23.

23) Dada a pequena distância, que nas baratas vai da boca ao cérebro, o álcool lhe subiu logo a este. **Bêbada, a baratinha caiu dentro do copo.** (F7LD4)

A “baratinha”, Ator da oração material em destaque, acaba se envolvendo em um grande problema, evidenciado pelo processo material “caiu”, e a circunstância “dentro do copo” localiza onde a baratinha acabou caindo. O Atributo descritivo “Bêbada” representa, ao mesmo tempo, o estado em que a personagem se encontrava no momento em que caiu no copo e a causa da queda.

4.2.2 Etapa Complicação

Na sequência da estória, a etapa Complicação é identificada a partir das fases eventos (excerto 24) e problema (excerto 25).

24) **Debateu-se, bebeu** mais vinho, **ficou mais tonta, debateu-se** mais, **bebeu** mais, **tonteou** mais e [...]. (F7LD4)

No excerto 24, a etapa Complicação inicia com a fase eventos, evidenciada pelos processos comportamentais “dabateu-se”, “bebeu” e “tonteou” e pela oração relacional “ficou mais tonta”.

25) [...] já quase **morria** quando [...]

No excerto 25, evidencia-se o ápice do problema vivenciado pela baratinha, realizado pela oração material “quase morria”. Ademais, a conjunção temporal “quando” indica não só a troca de fase, como também a troca de etapa, criando uma expectativa no ouvinte/leitor em relação ao que acontecerá na sequência da estória.

4.2.3 Etapa Resolução

Após a etapa Complicação, há a realização de uma nova etapa de experiência, que em narrativas é chamada de Resolução. Na F7LD4, essa etapa inicia com a fase eventos, conforme mostra o excerto 26.

26) [...] [a baratinha] **deparou com o carão do gato doméstico** que sorria de sua aflição, no alto do copo.

— Gatinho, meu gatinho – **pediu ela** –, me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.

— Você deixa mesmo eu engolir você? – **disse o gato**.

— Me saaalva! – **implorou a baratinha**. — Eu prometo. (F7LD4)

No excerto 26, o Escopo do processo material “deparou” é “o carão do gato doméstico”, que surge na estória como uma esperança de salvação para a baratinha. Na sequência, o diálogo, sinalizado pelos processos verbais “pediu”, “disse” e “gato”, dos quais a baratinha e o gato participam como Dizentes, sugere que essa nova personagem vai solucionar os problemas da baratinha, conforme evidencia o excerto 27.

27) [...] [o gato] **virou o copo com uma patada, o líquido escorreu e com ele a baratinha que, assim que se viu no chão [...].**(F7LD4)

Nesse excerto, as orações materiais “virou o copo com uma patada”, que tem o gato como Ator, e “o líquido escorreu” indicam que os problemas vivenciados pela baratinha estavam sendo resolvidos. Essas orações, associadas à oração mental perceptiva “assim que se viu no chão”, cujo Experienciador é a baratinha, evidenciam a fase solução.

No final da estória, há a evidencia da realização da fase reação, por meio de diversos processos de que a baratinha e o gato são participantes e também por meio de marcas linguísticas de avaliações destacadas em duplo sublinhado no excerto 28.

28) [...] [a baratinha] **saiu correndo** para o buraco mais perto, onde **caiu na gargalhada**.
— **Que é isso? – perguntou o gato** — Você não vai sair daí e cumprir sua promessa? Você disse que deixava eu comer você inteira.
— **Ah, ah, ah! – ria então a barata, sem poder se conter**. — E você é tão *imbecil* a ponto de acreditar na promessa de uma barata *velha* e *bêbada*? (F7LD4)

A reação da baratinha é de deboche, evidenciada pelos processos comportamentais “saiu correndo”, “caiu na gargalhada” e “ria sem poder se conter”. A reação do gato é de estranhamento, evidenciado pelas perguntas que constituem a Citação projetada do processo verbal “perguntou”. Na última Citação, em que a baratinha desempenha a função de Dizente, é avaliado o comportamento do gato por meio do Atributo “imbecil”, que realiza um julgamento negativo de estima social da categoria capacidade. Além disso, os epítetos “velha” e “bêbada” realizam uma apreciação do tipo valoração em relação a atitude da baratinha, que infere a representação de esperteza por meio de um discurso enganador.

4.2.4 Etapa Avaliação

Ao final de estória, como na maioria das fábulas, há explícita uma moral, conforme mostra o excerto 29.

29) MORAL: Às vezes a *auto depreciação* (*sic*) nos livra do *pelotão*. (F7LD4)

Nesse excerto, há um julgamento positivo de estima social da categoria normalidade em relação ao comportamento da baratinha representado no início da etapa Resolução, na fase eventos, quando a baratinha promete que, “ao sair de dentro do copo, deixaria o gato comê-la inteirinha”. Embora a EEG nesse texto seja da narrativa, haja vista a presença da etapa Resolução, a presença de julgamento em uma etapa de resposta ao final da estória sugere que essa fábula tem o intuito de levar o ouvinte/leitor a refletir não só sobre o possível benefício da autodepreciação, como também sobre a atitude de falar a verdade ou mentir em determinadas situações.

4.3 Instanciação do gênero relato

Por meio das análises léxico-gramaticais e semântico-discursivas, foi possível identificar a EEG relato na F5LD2, configurada em Orientação ^ Registro, conforme mostram as análises a seguir.

4.3.1 Etapa Orientação

A etapa Orientação foi identificada, na única instanciação do gênero relato no *corpus*, por meio da realização da fase cenário, evidenciado pelos elementos léxico-gramaticais destacados no excerto 30.

30) **Estavam os dois caçadores bem no centro da África**, quando [...]. (F5LD2)

A estória inicia com uma oração relacional em que “os dois caçadores” desempenham a função de Portador, enquanto a circunstância de localização lugar “no centro da África” indica onde a estória está ocorrendo. Esses dois elementos indicam duas características fundamentais da fase cenário: apresentar a identidade das personagens e situar o leitor sobre onde a estória está acontecendo. Além disso, a conjunção temporal “quando” indica a transição de uma fase para outra, como também a mudança de etapa.

4.3.2 Etapa Registro

A etapa Registro compõe-se das fases problema, comentário e eventos, como mostram os excertos a seguir.

31) [...] por trás de uma colina, de dentro de uma gruta, da escuridão de uma mata, do seio de uma grotta, **surgiu um tigre de dentes de sabre**. (F5LD2)

O excerto 31, que dá sequência ao relato depois da etapa Orientação, evidencia, por meio do processo material “surgiu” e do participante “um tigre de dentes de sabre”, que desempenha a função de Ator, a ocorrência da fase problema. Em seguida, esse evento é interrompido pelo narrador na fase comentário, como mostra o excerto 32.

32) Um animal *pré-histórico!* O mais *terrível* e o mais *precioso* dos animais pré-históricos! (F5LD2)

Nesse excerto, a fase comentário é realizada por meio dos epítetos “pré-histórico”, “terrível” e “precioso”. O primeiro e o terceiro são avaliações positivas de apreciação do tipo

valoração, enquanto o segundo é do tipo reação/impacto. No excerto 33, a fase eventos retoma a sequência de ações depois do surgimento do tigre, mostrado no excerto 31.

33) – Que vamos fazer? – **disse um dos caçadores.**

Vamos fazer o seguinte – **sugeriu o outro caçador, preparando-se para correr** –
Você fica aqui e aguenta o bicho, que eu vou espalhar a notícia pela África inteira.
(F5LD2)

Esse excerto, que finaliza a estória, evidencia a realização da fase eventos por meio dos processos verbais “disse” que tem como Dizente “um dos caçadores”, e “sugeri”, que tem como Dizente “o outro caçador”, que é também Comportante do processo “preparando-se para correr”.

Diferentemente dos gêneros *exemplum* e narrativa, essa fábula, que instancia o gênero relato, por não apresentar uma interrupção significativa na habitualidade das personagens, não apresenta uma etapa de resposta.

5 Considerações finais

Com o auxílio da abordagem de gênero da LSF e a partir das análises de funções léxico-gramaticais e semântico-discursivas, foi possível identificar a EEG, organizada em etapas e fases, nas fábulas que constituem o *corpus* deste estudo, bem como o propósito sociocomunicativo de cada texto. Na maioria dos textos que instanciaram o gênero *exemplum*, o mais frequente no *corpus* (6 textos), verificou-se que a interrupção na habitualidade das personagens acontece, em maioria, por meio da fase problema. Também se evidenciou a ocorrência das fases eventos e reação em maior número em relação às demais.

Em apenas uma das fábulas analisadas, foi identificada a instanciação do gênero narrativa, que tem o propósito sociocomunicativo de resolver uma complicação. Ao final da estória, a presença de “moral”, por meio de um julgamento que evidencia a etapa de resposta, sugere que, nessa fábula, o propósito sociocomunicativo principal é resolver complicações, finalizando com o julgamento da atitude apresentada pela personagem na tentativa de resolver a complicação em que estava envolvida. Também em apenas uma fábula foi evidenciada a instanciação do gênero relato, por não apresentar uma interrupção significativa na habitualidade das personagens e por não realizar uma etapa de resposta.

Além disso, é importante observar a não instanciação, no *corpus* de análise desta pesquisa, dos gêneros episódio e observação, o que sugere que não é característica das fábulas

compartilhar reações emocionais ou a apreciação de objetos, pessoas ou eventos por meio de uma resposta pessoal. Convém observar, também, a presença da etapa Orientação em todas as fábulas analisadas, evidenciando que, apesar de ser considerada opcional (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012), é uma etapa muito importante na construção dessas estórias.

A hipótese decorrente deste estudo é que um texto fabulístico, na perspectiva sistêmico-funcional, pode ser organizado com diferentes estruturas esquemáticas de gêneros da família das estórias, embora tenha se mostrado uma tendência maior de instanciamento do gênero *exemplum*. Em consonância com os estudos de Carel (2008, p. 26), pode-se dizer que a Fábula “é uma ‘prova’ de sua moral, no sentido que ela a realiza, ou ainda que ela verifica seus princípios”. Em outras palavras, a fábula é um exemplo da Moral.

Espera-se, assim, que os resultados deste estudo sirvam de subsídios não só para a compreensão da constituições dos sentidos produzidos pela linguagem usada em fábulas, como também para o processo de leitura, produção e avaliação de textos fabulísticos no contexto escolar, servindo de base para elaboração de atividades no Ciclo de Ensino e Aprendizagem de Gêneros – metodologia sistêmico-funcional que envolve exercícios de Desconstrução do gênero, Construção conjunta e Construção Individual (ROSE; MARTIN, 2008).

Como sugestão para estudos futuros, destacamos a relevância de se ampliar o *corpus* para confirmar os resultados aqui encontrados. Além disso, é necessário o estudo do subsistema de gradação, para saber como as marcas linguísticas contribuem na intensificação das avaliações de atitude e como, conjuntamente, elas constroem significados nas fábulas. Ainda sobre estudos futuros, é plausível suggestionar que se estude a relação entre os gêneros da família das estórias e as atividades propostas em livros didáticos para o ensino da leitura, análise linguística e produção de textos fabulísticos.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAREL, M. Análise argumentativa de uma fábula de La Fontaine. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 19-26, jan./mar. 2008.
- COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. *A literatura infantil: história, teoria e análise*. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

_____. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FARENCENA, G.S.; FUZER, C. A caracterização da fábula a partir de seu Potencial de Estrutura Genológica (PEG). *Revista Linguagem e Ensino*, Pelotas, v.15, n.1, p. 65-86, 2012.

FIORIN, J.L. *Linguagem e ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FUZER, C. *Leitura e escrita em língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional*. Projeto de pesquisa registro GAP/CAL 037375. Santa Maria; UFSM, 2014.

_____; CABRAL, S.R.S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

_____. *Ateliê de Textos: Práticas orientadoras para o processo de produção e avaliação de textos na perspectiva sistêmico-funcional*. Projeto de extensão registro GAP/CAL 040190. Santa Maria: UFSM, 2016.

_____; GEHRARDT, C.C.; WEBER, S. Etapas e fases da narrativa em O Pequeno Polegar: análise de gênero na perspectiva sistêmico-funcional. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 52, p. 162-181, 2016.

HALLIDAY, M. A. K. Part I. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Ed.). *Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____; *An Introduction to Functional Grammar*. 2ª ed., London: Edward Arnold, 1994.

_____; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed., London: Arnold, 2004.

HASAN, R. Part II. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Ed.). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

JORDENS, C. *Reading of stories about values: a discursive study of cancer survivors and their caregivers*. PhD Thesis: University of Sydney, 2002.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: U. of Washington Press, 1967. p. 12-44.

MARTIN, J.; WHITE, R. *The language of evaluation: appraisal in English*. Nova York, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

_____; ROSE, D. *Genre Relations: Mapping Culture*. London: Equinox, 2008.

PLATÃO, F.; FIORIN, J.L. *Lições do texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PLUM, G. *Text and Contextual Conditioning in Spoken English: A Gender-Based Approach*. Doctoral thesis. University of Sydney, 1988.

ROSE, D.; MARTIN, J. *Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox, 2012.

SOUZA, M.A. de. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex Ed, 2003.

TARDIVO, L.S.P.C.; PINTO JR., A.A.; SANTOS, M.R. Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 6, n. 1, p. 59-66, Jan./Jun. 2005.

VIEIRA, T.P.; PRAXEDES FILHO, P.H.L. Subcompetência bilíngue e metarreflexão: uma intervenção pedagógica com tradutores em formação sobre aspectos da tessitura textual via Linguística Sistêmico-Funcional. *Revista Veredas Atemática*, Juiz de Fora, v.19, n.2, p. 71-93, 2015.

WHITE, P.R.R. *Valoração*: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem e(m) Discurso*, v.4, n. Especial, 2004.

Recebimento: 10/10/2017

Aceite: 02/11/2017